

MUSEU GRUPPELLI: UM ESTUDO SOBRE PATRIMÔNIO RURAL NA COLÔNIA DE PELOTAS/RS

Data de aceite: 01/03/2023

Maurício André Maschke Pinheiro

RESUMO: O presente trabalho tem como tema o patrimônio rural, tendo como estudo de caso a localidade do Gruppelli, zona rural de Pelotas/RS. A pesquisa objetivou identificar o que se pode considerar patrimônio rural na região, contribuindo para a discussão sobre o tema do patrimônio no país, a partir de uma visão mais humana e multivocal. O estudo se deu a partir de entrevistas com as pessoas divididas em três dimensões: público que visita a localidade, fundadores do Museu Gruppelli e Academia. Para a realização deste trabalho, foi utilizado o prazo de 2019-2021; devido à pandemia do Coronavírus, a pesquisa foi realizada com o público presencialmente e com os fundadores do Museu e Academia através de entrevistas gravadas por áudio. Colhemos resultados nessas três dimensões e os comparamos a fim de conceber o conceito mais correto para patrimônio rural. Alguns resultados a que chegamos foram relacionados ao modo de vida na zona rural de Pelotas e à relação com a natureza, às divisões entre patrimônio material rural e patrimônio imaterial rural, além de ser

possível diagnosticar as características que cada uma das dimensões considera importante ser preservadas.

PALAVRAS-CHAVE: Museu Gruppelli. Patrimônio rural. Ruralidades.

RURAL HERITAGE: A CASE STUDY AT THE GRUPPELLI MUSEUM, PELOTAS/RS

ABSTRACT: This present work has as its theme the rural heritage, identified by a case study in Gruppelli locality, rural area of Pelotas/RS. The research aimed to identify what can be considered rural heritage in the region, contributing to the discussion on the theme of heritage in the country from a more human and multivocal view. The research happened through interviews with people divided into three dimensions: audience visiting the location, founders of the Gruppelli Museum, local residents and Academy. To carry out this work, the deadline of 2019-2021 was used; due to Coronavirus pandemic, the research was carried out in person just for visitors; founders of the Museum and Academy representatives were interviewed through social networks. Results were received and compared in order to conceive a better

concept for rural heritage. Some of the results were related to the way of life in the rural area of Pelotas and the relationship with nature, divisions between rural material heritage and rural intangible heritage, in addition to diagnosing the characteristics that each dimension considers important to be preserved.

KEYWORDS: Gruppelli Museum. Ruralities. Rural heritage.

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, o patrimônio apresenta diversas categorizações, como o patrimônio arquivístico, patrimônio digital, patrimônio paisagístico, entre outras. Trata-se de diversas designações que retratam a permeabilidade desta categoria atualmente. Conforme destaca Gonçalves (2005, p. 17):

Falamos dos patrimônios econômicos e financeiros, dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico e financeiro de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo; usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos; sem falar nos patrimônios intangíveis, de recente e oportuna formulação no Brasil.

Entre essas tantas tipologias de patrimônios podemos incluir, ainda, a de natureza “rural”. A categoria de patrimônio rural é o cerne deste estudo. A pesquisa aqui desenvolvida tem como objetivo principal identificar a percepção que as pessoas têm do sítio em que se localiza o Museu Gruppelli, caracterizado pela ruralidade, em três dimensões: do discurso do museu, do público visitante e dos moradores locais, dentro de uma perspectiva patrimonial.

Para analisar a categoria de patrimônio rural em situação, propomos um estudo de caso no Museu Gruppelli e o cenário circundante. O Museu está localizado no sétimo distrito de Pelotas e foi criado por uma vontade de memória da comunidade local, sendo os primeiros objetos coletados por volta de 1990, momento em que se inicia a criação do Museu, a partir de um olhar museológico da população local sobre a cultura material. Podemos compreender esse processo a partir do conceito denominado de musealidade, ou olhar museal sobre a realidade. Segundo Chagas (1994, p. 52):

Um olhar constituidor de signos, a medida em que busca um ‘outro’ sentido além do sentido aparente. Um olhar que sem eliminar definitivamente a função primeira dos objetos/bens culturais, acrescenta-lhes novas funções, transformando-os em representações, em semióforos, em documentos ou suportes de informação. Um olhar, enfim, que transforma os mais diferentes espaços/cenários em museu.

A motivação para a realização deste trabalho vem da participação do autor no “Projeto de extensão revitalização do Museu Gruppelli”, em que estamos atuando desde 2015. Durante este período, foram realizadas diversas atividades no escopo do projeto, em que se podem citar algumas delas, como mediação para grupos, reorganização da

documentação museológica, montagem de exposições temporárias, dentre outras.

Nesse meio tempo, foi possível notar vários aspectos interessantes em relação ao público, em especial a relação de aproximação das pessoas com os objetos, do ponto de vista afetivo e memorial; muitas pessoas vêm ao museu em busca de rever objetos que pertenceram à sua infância, ao cotidiano ou que tiveram convívio com eles em algum momento da vida. Recentemente, tivemos um caso no Museu bem curioso: uma senhora sentia tanta alegria em rever o tacho, que acabava fazendo carinho no mesmo, como se fosse a materialização de uma pessoa. Segundo Meneses (1983, p. 112):

Para analisar, portanto, a cultura material, é preciso situá-la como suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida social. Conforme esse enquadramento, os artefatos — que constituem, como já foi afirmado, o principal contingente da cultura material — têm que ser considerados sob duplo aspecto: como produtos e como vetores de relações sociais.

Os objetos dispostos no Museu são “simples”, muitos deles objetos de uso cotidiano. Em grande parte, diversos desses artefatos ainda repousam nos galpões de casa. Partimos da premissa de que o que chama atenção do público não é o objeto em si, mas todo o estrato de afetividade que cada um deles desperta nos sujeitos; há, por trás deles, uma narrativa de representatividade, que revela emoções que se interligam por serem objetos do uso no cotidiano do campo. Mesmo sabendo que em um museu não é recomendável tocar nos objetos, alguns visitantes sentem a necessidade de tocar, sentir, mostrar para as novas gerações como é que se utilizava cada um deles. A partir dessas experiências, ficamos pensando quantas vezes o pilão moeu milho, o moedor moeu a carne, o tacho fez doce, e o barbeiro aparou cabelo e barba. Todos esses elementos povoam o imaginário do visitante que, mais do que uma simples visita, precisa viver ou recordar os bons momentos juntos desses objetos.

Então, começa-se a pensar sobre o que as pessoas buscam no Museu. Seria apenas o museu que proporcionaria essa experiência ou seria todo o sítio? Para isso, percebemos que o objeto não está isolado, mas há um contexto simbólico por trás advindo de memórias adquiridas durante sua vida utilitária, que, por sua vez, está diretamente conectado ao próprio território, que se caracteriza pela ruralidade.

Quando vemos um objeto, podemos, através dele, lembrar momentos do tempo em que era um objeto utilitário, e cuja potência simbólica é atualizada quando inserido na categoria de coleção. Segundo Pomian (1984, p.82), “objetos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura” .

Além disso, o próprio autor desse trabalho utilizou vários objetos expostos no Museu, a maioria destinados ao trabalho rural, como debulhador de milho, capinadeira, arado, plantadeira manual etc. Dessa experiência, trouxe para a pesquisa a vontade de

que se mantivessem presentes as memórias das coisas que viveu na colônia. Assim como alguns visitantes, o pesquisador também compartilha de uma memória vivida sobre esses referenciais de patrimônio, caracterizados pela ruralidade.

Nesse tempo, diversas dúvidas e perguntas surgiram, como: o que as pessoas que vêm até o Gruppelli buscam no local? As pessoas vão apenas para almoçar, para participarem das festas que acontecem, acompanhar o futebol colonial, tomar um mate debaixo da árvore, ou mesmo tudo isto junto? Enfim, o que as pessoas buscam na paisagem? Em outros termos, interessa-nos compreender quais são os elementos que configurariam o patrimônio nesse cenário rural, designado aqui como patrimônio rural.

Ao operacionalizar a pesquisa, indagamos também se nós, da Academia, compartilhamos da mesma ideia de patrimônio que as pessoas que frequentam o local. Partimos do entendimento de que um mesmo bem patrimonial pode ter diversos olhares dependendo da relação que se tem com o objeto, conforme nos alerta Tornatore (2009, p. 4), quando cita o caso de um castelo francês, que foi destruído:

A surpresa desse alto funcionário da cultura é heurística: ele salienta o hiato que pode existir entre duas formas de ligação com o castelo e, portanto, duas formas de emoção patrimonial, duas posturas emocionais. Para alguns, como para ele, choram pelo testemunho da História, as pedras e os objetos danificados, ao mesmo tempo em que a perda de uma riqueza cultural; ao passo que para outros, como esse dentista, choram pelas lembranças que se foram com a fumaça e seus suportes materiais.

Há uma multiplicidade do patrimônio, tendo várias versões possíveis da narrativa dos objetos expostos. Um exemplo disso é a foice, que estando no Museu tem a história descrita por seu doador; no espaço expositivo, cria novas dimensões trazidas por detalhes cotados pelos visitantes. Nesse caso, descobrimos que essa foice foi fabricada para um canhoto trabalhar, utilizada mais para o serviço de corte de arroz e trigo e, muitas vezes, fabricada na região por um marceneiro/ferreiro (BRAHM, 2018).

Nesta mesma direção proposta por Tornatore, Chagas (2009, p. 215) esclarece que:

Enquanto dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço, dois ou mais sentidos podem ocupar um mesmo corpo patrimonial, uma vez que eles (os sentidos) estão na dependência do lugar social que a ele (o corpo) é destinado. Esse lugar social, no entanto, é dado pelas relações dos indivíduos e dos grupos sociais com o referido corpo, do que decorre o seu alto grau de volatilidade e seu baixíssimo grau de fixidez. A capacidade de os corpos patrimoniais encarnarem múltiplos sentidos contribui para a ampliação de tensões e conflitos.

Essas diferentes formas de ver o patrimônio podem povoar um mesmo bem patrimonial, e isso depende da relação dos objetos com os sujeitos, dentro de um determinado cenário (a paisagem em que repousa o Museu). Por este ponto de vista, propomos investigar como as pessoas se relacionam com o objeto em suas extensões, ou seja, a própria paisagem. Muitos na região são agricultores, vivem da renda do campo e

preservam seus costumes e modos de vida para manter suas famílias. Na produção dos alimentos, vários objetos que estão no Museu ainda são utilizados. É o caso do arado, da semeadeira e da plantadeira manual, por exemplo, utensílios de grande importância na plantação. Por um lado, esses instrumentos podem ser considerados, pela Academia, como patrimônio; talvez para os moradores sejam apenas objetos do cotidiano; muitos deles repousam em casa, no galpão ou mesmo “atirados” no pátio. Pretende-se investigar justamente quais são os conflitos inerentes a esses objetos, suas extensões e limites, quando operamos o conceito de patrimônio rural, assim como o que deve permanecer nesse cenário e de que forma.

Apesar de o Museu trabalhar com determinados aspectos do patrimônio, sobretudo ao designar o que é acervo do Museu, nunca chegou a investigar com profundidade quais seriam os referenciais patrimoniais desta região, pelo ponto de vista dos moradores locais e daqueles que interagem com o Museu. Afinal, como as pessoas enxergam esse patrimônio? Quais seriam os referenciais de patrimônio para os transeuntes? E quais elementos devem ser preservados, no contexto rural, para os moradores locais?

O Museu Gruppelli foi criado em 1998, por iniciativa da comunidade local, em perspectiva de criar um espaço que preservasse os usos e costumes da região. Então, uma frente criada por Neiva Vieira (professora), seu amigo Neco Tavares e a família Gruppelli começam formar a coleção, com objetos adquiridos nas redondezas começando a criação do patrimônio, na medida em que eles criam um lugar de preservação e passam a nomear de Museu. Para os fins desta pesquisa, consideramos a concepção das coleções como uma maneira de formar patrimônios. Em entrevista, Paulo Ricardo Gruppelli conta como foi o processo de seleção dos objetos que estariam expostos no Museu:

Aqueles objetos estavam à disposição, já existiam dentro do Museu e algumas peças da casa...E então a gente começou a recolher e a juntar muitos já tinham lá dentro e a gente foi juntando aquelas peças, aqueles objetos e foram escolhidos aqueles que tinham maior vínculo, maior proximidade com a colônia. Realmente, alguma coisa a gente tirou pra fora e outras a gente descartou e aqueles ali que ficaram eram os que mais se identificavam com a região, objetos de atividades que eram mais procurados. A gente mais ou menos fez um apanhado, um histórico deles e optamos por aqueles ali. E alguns objetos, pra complementar, pra não colocar objetos idênticos e parecidos, a gente ganhou uns de doação e também se adquiriu alguns dos colonos da região e então a gente montou com o que tava mais a mão, mais disponível e falavam algo sobre a nossa colônia (GRUPPELLI, 2021).

Dez anos mais tarde, foi criado o projeto de extensão “Revitalização do Museu Gruppelli”, vinculado à Universidade Federal de Pelotas, que trouxe um olhar mais teórico para o Museu, levando a ideia dos precursores adiante, criando formas de preservação e reorganizando cenários diferentes, assim contando o cotidiano rural.

No Museu Gruppelli, encontram-se muitos desses objetos, comuns no meio rural, como destaca Carvalho (2006, p. 297):

No mundo rural, destacam-se as técnicas e os saber-fazer no âmbito de atividades como a agricultura, a criação de gado/pecuária, a silvicultura, o artesanato e outras artes e ofícios tradicionais; as músicas e as festividades; os momentos mais marcantes do ciclo etnográfico (matança do porco, descamisada, apanha e moagem da azeitona), as tradições orais, entre outras.

Essa pesquisa tem como objetivo identificar a percepção que as pessoas têm do local em que se localiza o Museu Gruppelli, caracterizado pela ruralidade, em três dimensões: do discurso do museu, do público visitante e dos moradores locais, dentro de uma perspectiva patrimonial.

A partir dessas ideias iniciais, começamos a nos perguntar: será que o público que visita o local, os fundadores do Museu e a Academia compartilham da mesma opinião sobre o que deve ser preservado? O que essas três dimensões pesquisadas consideram como patrimônio? O que eles acham que deve ser importante manter na região? Será que a perspectiva de patrimônio estruturado no Museu corresponde à percepção que os públicos têm desses patrimônios em contexto rural?

OBJETIVOS

A partir dessas indagações, a pesquisa será desenvolvida. Busca-se como resultado um amadurecimento do conceito de patrimônio rural, a partir de uma perspectiva multivocal. Compreendemos que, para traçarmos um paralelo sobre o que seria patrimônio rural, é importante ter visões diferentes, trazendo o olhar teórico da Academia juntamente com a prática de quem vive ou se relaciona com as atividades e os costumes vivenciados no campo.

Como desdobramento do objetivo geral, focaremos nos objetivos específicos a investigação sobre as diferentes formas de perceber e se apropriar do patrimônio rural; compreender o papel que o Museu tem na construção de uma ideia de patrimônio rural; inventariar as referências patrimoniais mencionadas nos discursos sobre o sítio em que se localiza o Museu; investigar as diferentes formas de perceber e se apropriar do patrimônio rural.

O conceito de patrimônio rural ainda está em construção, embora já existam autores que trabalham com esta categoria. Contudo, parte deles ainda observa esta dimensão do patrimônio de forma a considerar apenas as referências materiais, ou mesmo a partir de uma lógica acadêmica, que no escopo da pesquisa consideramos restritiva. Nesse sentido, pretende-se com esta pesquisa contribuir para a ampliação e o amadurecimento do conceito de patrimônio rural, desde uma perspectiva que vem dos sujeitos que vivem e se apropriam dos patrimônios, sem perder de vista a reflexão teórica exigida.

Igualmente, nem todos os autores que trabalham com esta categoria a percebem de forma convergente. A exemplo disso, podemos mencionar o patrimônio rural paulista,

a partir de Carvalho e Chiva (2011). Para estes autores, o patrimônio rural traduziria aqueles elementos que orbitam as fazendas de grande poder econômico em São Paulo, destacando galpões e casarões que funcionaram por muito tempo como local de produção e exportação de produtos agrícolas.

Aqui na Região Sul, a configuração do patrimônio rural é mais modesta. Nos museus coloniais da Serra dos Tapes, a modo de exemplo, trabalha-se com objetos do próprio cotidiano rural; são eles: foice, capinadeira, arado, debulhador de milho, entre outros. Esses são objetos manuais e vinculados à lida rural, provavelmente por a região ter sido ocupada por uma onda imigratória que guarda particularidades, já que os próprios imigrantes plantavam e produziam os produtos, sendo gerados mais para consumo próprio dentro das famílias, ao contrário das citadas fazendas paulistas, que geravam seus produtos para importação e exportação. Esses bens patrimoniais estão mais ligados à ideia de um itinerário rural, no qual todo o contexto, material e imaterial, local e paisagístico, está inserido; no segundo, parece-nos que o foco está no turismo em massa.

JUSTIFICATIVA

Pretende-se com este trabalho contribuir no debate sobre o tema do patrimônio rural no país, dando destaque a uma dimensão mais humanizada deste patrimônio. Na perspectiva adotada nesta pesquisa, consideramos que o patrimônio rural deve se aproximar dos modos de vida dos sujeitos, focando o patrimônio a partir de um prisma multicultural, multivocal, que reside no cotidiano, sobretudo voltado para sua dimensão social e humana. Será importante debater sobre o patrimônio rural, igualmente, para a divulgação e valorização do tema na região, demonstrando através dessa pesquisa os modos de saber-fazer do cotidiano rural na localidade do Gruppelli.

METODOLOGIA

Para investigarmos o patrimônio rural na região, faremos uso da pesquisa exploratória, nesse caso de uma forma mais flexível com entrevistas, em três dimensões (público, moradores locais e Academia). De acordo com Gil (2007), a pesquisa exploratória visa a maior aproximação, maior familiaridade com o problema, explicitando-o. Com um planejamento mais flexível, permite-se a consideração de variados aspectos. Na maioria das vezes, assume a condição de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso, segundo Gil (2007), e envolve levantamento bibliográfico, entrevistas e análises de elementos diversos (do conteúdo, do discurso, de exemplos).

Primeiramente, compreenderemos como o público que visita o Museu se relaciona com a localidade. Preferimos dialogar com as pessoas que visitam o Museu, embora este não seja o foco da pesquisa, uma vez que essas pessoas têm dupla visão sobre o patrimônio, institucionalizado sobre o que é patrimônio, a partir de sua visita, e ao mesmo

tempo sobre a paisagem ao redor. O público alvo foi selecionado de forma aleatória, com entrevistas semi-estruturadas, buscando, assim, um resultado de ampla diversidade de respostas.

Num segundo momento, entrevistamos os moradores locais. Para os fins desta pesquisa, que é breve em razão de sua natureza, dedicamo-nos a compreender a visão de dois interlocutores-chave: Ricardo Gruppelli (proprietário do sítio onde está o Museu Gruppelli) e Margareth Vieira, filha de Neiva Vieira (iniciadores da ideia de criação do Museu). Eles foram ouvidos de modo a oferecer um olhar de quem vivenciou as diferentes faces do espaço e costumam ver a rotina diária da localidade.

Em último momento, entrevistamos representantes da Academia. Duas pessoas foram questionadas sobre a estruturação da faculdade em pesquisas na colônia, as quais são: Fábio Cerqueira (professor que foi o primeiro pesquisador sobre o assunto na colônia) e Diego Lemos Ribeiro (professor que coordena o projeto de extensão do Museu Gruppelli, desde 2008). Além disso, faremos uso de trabalhos realizados sobre patrimônio na região.

PATRIMÔNIOS RURAIS DO SÍTIO GRUPPELLI

Considerando as três dimensões entrevistadas: público, fundadores e Academia, a partir de suas respostas e do objetivo do trabalho, identificamos o que pode ser considerado patrimônio rural. Buscaremos agora responder algumas perguntas lançadas para essa pesquisa. Tem-se a primeira pergunta: será que o público que visita, os fundadores do Museu e academia compartilham da mesma opinião sobre o que deve ser preservado?

Nas três dimensões do patrimônio, vimos que as características do sítio se compactuam entre si. Foram citados elementos, como Museu, gastronomia, arroio, saber-fazer local, a arquitetura, os produtos e os modos de vida do morador local. Compreendemos que essas vertentes estão interligadas entre si, encontrando-se no mesmo espaço territorial e na questão da natureza, pois é ela que dá a subsistência para o trabalho, para o lazer e a produção agrícola, é nela que estão os produtos, nela se utilizam os objetos expostos no Museu, que saem os alimentos para o restaurante, nela também que estão os animais e as frutas.

Na questão seguinte, o que essas três dimensões pesquisadas (público, fundadores do Museu e Academia) consideram patrimônio rural? O que eles acham que deve ser importante manter na região? Aqui, vejamos que o público considerou uma dimensão só do patrimônio sem fragmentá-la, compreendemos que, para eles, está estabelecido um patrimônio rural como um todo, o Museu, o armazém, o restaurante e o arroio, por exemplo; eles buscam tudo isso junto considerando que a experiência com todos os detalhes deve ser preservada.

Para os fundadores do Museu, o que está estabelecido como patrimônio é um pouco diferente a partir das ideias dos entrevistados. Para Vieira, todas as características que

possam ser preservadas devem ser, principalmente os modos de vida do trabalhador rural e a estreita relação desses modos com a natureza. Já para Gruppelli, ele vê um patrimônio mais distribuído em bens, faz uma separação, como o prédio histórico do Museu, a gastronomia, pomares, cemitério e produção agrícola; ele busca a definição a partir de lugares mais frequentados pelo público, que possuem mais histórico, lugares que têm uma memória coletiva.

Os representantes da Academia buscam, de certa forma, a experiência também como um conjunto de fatores. Ribeiro nos traz o destaque de que o povo que vive na localidade denominada e seleciona o patrimônio antes da Academia, e o Museu gerencia esse patrimônio. Ele destaca que o patrimônio está no modo de viver, se comunicar, trabalhar e produzir, por exemplo, mas considera que o patrimônio rural está em todos os elementos juntos. Para Cerqueira, há uma separação entre material (arquitetura, moinhos, salões de baile, fábricas) e imaterial (vinho, produção de pêssego e doces, saber-fazer local, culinária). Podemos até diferenciar entre eles, mas vemos que isso se completa: o vinho pode ser feito na adega, o baile acontecido no Restaurante Gruppelli, o doce vendido no armazém etc., sinalizando que esse patrimônio se encontra nos modos de vida e no saber-fazer local.

A partir destas percepções, é possível considerar o patrimônio rural como o conjunto de bens e atividades de caráter material e imaterial, o qual reflete os modos de vida do morador rural que se encontram estabelecidos em conexão com a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante essa pesquisa, observamos alguns pontos a serem destacados, primeiramente os termos tradição, costumes, modo de vida e trabalho rural foram os mais utilizados para conseguirmos identificar as características da região. Para essa identificação, traçamos um paralelo entre patrimônio e sua trajetória e conseguimos ver o que seria patrimônio aqui no Brasil. Nesse ponto, vimos a importância de preservar o patrimônio imaterial e material e suas diferenças.

No capítulo em que investigamos sobre o que seria patrimônio rural, descobrimos que as ruralidades são as características dos modos de quem vive no mundo rural, ou seja o rural é o local e as ruralidades são as atividades e os modos de quem vive ou trabalho no meio. A partir de entrevistas com três públicos distintos – visitantes do Grupelli, fundadores do espaço e representantes da Academia –, foi possível perceber o olhar em relação ao patrimônio rural e a função que esse patrimônio estabelece com cada sujeito.

Para a realização dessa pesquisa tivemos que adaptar o trabalho devido a pandemia de Covid-19, inicialmente gostaríamos de entrevistar mais pessoas pela visão do patrimônio rural pelo público, de forma presencial dentro do cenário do estudo de caso dessa pesquisa, a Casa Gruppelli.

Acreditamos que os sujeitos inseridos naquele momento no local, conseguiriam responder ainda mais objetivamente o que era importante de ser preservado naquele espaço, bem como as características da localidade que podem ser considerados patrimônio rural pelo público.

Nas visões dos fundadores e da academia esse efeito da pandemia na pesquisa foi menor, pois estão mais inseridos no espaço tanto por pesquisarem sobre a localidade ou mesmo morarem no local como é o caso de Ricardo Gruppelli.

Com essa pesquisa trouxemos resultados para o objetivo de identificar o que seria esse patrimônio rural partindo de um prisma multivocal, o que instigou que novas dúvidas surgissem. Como mencionado anteriormente as ruralidades dependem do contexto da localidade que for analisada, cada região tem suas características únicas de viver, trabalhar e produzir.

Para uma continuação dessa pesquisa no futuro podemos investigar essa ruralidade colonial da região do sétimo distrito de Pelotas, podemos investigar também essa ruralidade em outras regiões como é o caso da Vila Maciel, distrito próximo a Casa Gruppelli. Nessa parte, além de colaborarmos com o desenvolvimento da pesquisa no local estudado, expandiríamos nossos estudos para outras localidades contribuindo ainda mais na investigação do patrimônio rural e essas ruralidades características da região colonial de Pelotas.

O tema do patrimônio rural está em desenvolvimento no Brasil, que esse trabalho seja parte contribuindo para o crescimento da noção de patrimônio rural em nosso país, colaborando também com as pesquisas de outras pessoas com esse referido tema.

REFERÊNCIAS

BRAHM, J. P. S., Ribeiro, D. L., & Tavares, D. K. (2016). Memória e identidade: a musealidade no Museu Gruppelli, Pelotas/RS. *RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade*, 2(4), 685–705. <https://doi.org/10.23899/relacult.v2i4.270>

CARVALHO, P. "A AIBT do Pinhal Interior e as Aldeiasdo Xisto: novos caminhos para o desenvolvimento de territóriosde baixa densidade em ambientes de montanha". **Cadernos de Geografia**, Coimbra, Departamento de Geografia (Universidade de Coimbra) e Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, n. 28/29, 2009/2010. pp. 185-191.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Entrevista realizada on-line. Pelotas, 17 mai, 2021.

CHAGAS, Mário de Souza. Em busca do documento perdido: A problemática da construção teórica na área da documentação. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 2, 1994.

CHIVA, I. "Le patrimoine rural". In NORA, P (dir.) *Scienceet Conscience du Patrimoine. Actes des Entretiens du Patrimoine*, Éditions du Patrimoine, 1997. pp. 226-231.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GRUPPELLI, Paulo Ricardo. Entrevista realizada on-line. Pelotas, 15 mai, 2021 GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In:

ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: Unirio, 2003b. p. 21-29.

MENESES, Ulpiano. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

RIBEIRO, Diego Lemos. Entrevista realizada on-line. Pelotas, 17 mai, 2021.

TORNATORE, Jean-Louis. Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas da relação com o passado. *Memória em Rede*, Pelotas, v.1, n.1, p. 7-21, jan/jul 2009.

VIEIRA, Margareth Acosta. Uma rua chamada Gruppelli: memórias reveladas pela fotografia. Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

VIEIRA, Margareth Acosta. Entrevista realizada on-line. Pelotas, 16 mai, 2021.